



# Segregação racial, territórios negros e saúde mental

**Reinaldo José de Oliveira**  
Universidade Estadual de Feira de  
Santana (UEFS)  
reinaldo.jose@uol.com.br

**DOI:** <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2367>

**Resumo:** No presente texto, trago para reflexão a segregação racial e a territorialidade negra com ênfase na saúde mental da população negra. De um lado, a segregação racial é abordada por intermédio da literatura que observa o espaço e as relações étnicas e raciais. De outro lado, o território e a territorialidade negra diz respeito aos espaços e lugares vivenciados por homens e mulheres negras que lutam por cidadania.

A saúde mental é abordada sob duas perspectivas: os territórios e territorialidades negras e a segregação racial, em ambos cenários, temos a construção e desconstrução das emoções, sentimentos, dores, sofrimentos, identidades, histórias e lutas.

**Palavras-Chave:** segregação, território, saúde da população negra, saúde mental e políticas públicas.

**Abstract:** In the present text, I bring to reflection the racial segregation and the black territoriality with emphasis on the mental health of the black population. On the one hand, racial segregation is approached through literature that looks at space and ethnic and racial relations. On the other hand, the territory and the black territoriality concerns the spaces and places experienced by black men and women who struggle for citizenship.

Mental health is approached from two perspectives: black territories and territoriality and racial segregation, in both scenarios, we have the construction and deconstruction of emotions, feelings, pains,

sufferings, identities, histories and struggles.

**Keywords:** segregation, territory, black population health, mental health and public policies.

## Introdução

A temática que apresento no referido dossiê é uma reflexão que venho realizando em meu percurso acadêmico, social e político, especialmente no que toca a questão da segregação e da territorialidade negra no Brasil, com destaque para a cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador<sup>1</sup>.

A literatura brasileira sobre espaço urbano e relações étnicas e raciais<sup>2</sup>, em geral, contextualiza que o racismo e as desigualdades são as principais barreiras da população negra quanto ao quadro de sobrerrepresentação socioeconômica e política no país. O cenário histórico e atual da segregação racial tem forte impacto no quadro subjetivo e na saúde mental da população brasileira, sobretudo de homens e mulheres negras.

É pontual debater a saúde da população negra nas cidades brasileiras, conforme os diferentes contextos espaciais, desde as cidades de pequeno porte, médio, grande e das metrópoles, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Conforme os últimos indicadores do Censo Demográfico do IBGE, 2010, estas cidades representam as principais demografias da população negra no contexto nacional (em dados absolutos).

A temática saúde mental é ainda mais recente, tendo em vista o cenário do nascimento, desenvolvimento, adoecimento e morte da população negra diante da segregação, do racismo e das desigualdades<sup>3</sup>.

Após inúmeras constatações sobre a realidade da segregação racial e das territorialidades negras no país, interpreto que o enfrentamento, além das questões em desenvolvimento socioeconômico e político, merece atenção diante do complexo quadro da saúde, principalmente da saúde mental.

<sup>1</sup> Oliveira, Reinaldo José de. *A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território*. São Paulo, Alameda Editorial, 2013. \_\_\_\_\_ . *Territorialidade Negra e Segregação Racial em São Paulo: A luta por cidadania no século XX*. São Paulo, Alameda Editorial, 2016.

<sup>2</sup> CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia – A longa busca da cidadania*. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2006. SILVA, Maria Nilza da. *Nem para todos é a Cidade: Segregação Urbana e Racial em São Paulo*. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX*. São Paulo, Alameda Editorial, 2016. LOPES, Fernanda.

Nas cidades brasileiras, temos os quadros que se enfrentam, de um lado, a segregação racial e, de outro lado, as territorialidades negras. As forças que se enfrentam nas cidades brasileiras, provocam diferentes sentidos e expressões na estrutura da saúde mental, por exemplo: o adoecimento afetivo provocado pelo racismo versus a produção de identidades negras que vivem e se dinamizam nos espaços fixos e fluxos; a ausência de representatividade étnico racial nos principais instrumentos de formação e informação versus as manifestações políticas, sociais e culturais do universo dos movimentos sociais negros; a universalização de políticas públicas em saúde que não alcança sucesso para fins de enfrentar o racismo versus políticas de ação afirmativa em saúde e educação.

É importante pautar as ações dos movimentos sociais negros, desde o processo de redemocratização, a Constituinte de 1988 e as últimas décadas, especialmente as ações afirmativas no âmbito da saúde e da educação. Brevemente, a política de ações afirmativas, como a aprovação da política de cotas nas universidades públicas, o Estatuto da Igualdade Racial, a lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica e o Programa Nacional de Saúde Integral da População Negra, são saberes e práticas que se concretizaram no decorrer dos últimos 128 anos na história do país. Parte destas ações, direta e indiretamente, são importantes para o desenvolvimento de recursos humanos, tecnologias sociais, ensino, pesquisa e extensão nas universidades, o fortalecimento das organizações sociais negros nas áreas de saúde e educação, o empoderamento dos territórios e o combate ao racismo e a segregação racial. Para fins de transformações da realidade social, será determinante fazer o cruzamento e a intersecção de políticas públicas de ação afirmativa com foco nas questões do território e da territorialidade e as outras categorias de análise, como as desigualdades étnicos raciais, gênero, saúde, gerações, identidades e os grupos que lutam por direitos.

Portanto, as ações, reflexões e políticas implementadas na história e na etapa atual pelos atores negros e negras tem correspondido ao melhor desenvolvimento da saúde mental, mas ainda são insuficientes, será preciso a produção de indicadores e referências abrangentes para a construção de espaços, territórios e territorialidades de âmbito cultural, socioeconômico, político, subjetivo e emocional para todos.

Para delinear a temática, desenvolvo três seções que considero pertinentes para melhor compreender os efeitos, cenários e resultados da saúde mental da população negra nas cidades

do país. Na primeira, apresento as considerações a respeito da segregação racial e das territorialidades negras, posteriormente, na segunda, apresento comentários importantes da literatura mais recente sobre saúde mental<sup>4</sup>. Na terceira seção, destacamos as considerações da saúde mental perante a segregação racial e as territorialidades negras no Brasil.

A saúde mental é o conjunto de expressões sociais, territoriais, culturais, políticas e subjetivas, ou seja, é o bem estar biopsicossociocultural que os grupos humanos desenvolvem, trocam, lutam e constroem.

Aqui, no presente texto, apresento reflexões sobre a segregação racial e as territorialidades negras, enfatizando a saúde mental. O momento atual e futuro, a respeito do racismo e da segregação, exigirá de todos nós, brancos, negros e indígenas, sobretudo da população negra, a organização de saberes e práticas para a implementação de territórios de cidadania que nos proporcione também a realização do bem estar psíquico.

### **Territórios Negros e Segregação Racial**

Segundo Edmond Préteceille, as interpretações sobre a segregação tem como fundamentação as referências da Escola de Chicago, com destaque para as reflexões de E.Park e E.Burguess. Posteriormente, a literatura marxista representada por Jean Lojkine (1976), Manuel Castells (1982) e Henri Lefebvre (1986), em geral, para esses autores, a segregação compreende um processo de separação espacial e socioeconômica de determinado grupo no contexto das cidades, lugares e territórios. Portanto, a literatura de referência, descreve que o fenômeno tem como principal justificativa o quadro socioeconômico.

Peter Marcuse e Edmond Préteceille<sup>5</sup>, pesquisadores das realidades norte americana e francesa, reforçam a literatura sobre a segregação socioeconômica, no entanto, ambos descrevem que o fenômeno na história do século XX das sociedades capitalistas, deve incluir outras categorias de análise, por exemplo: nacionalidade, classe, renda, riqueza, ocupação, religião, raça, cor, etnicidade, língua, idade, composição familiar, estilos de vida, entre outras categorias. Estas

<sup>4</sup> BATISTA, Luis Eduardo, WERNECK, Jurema e LOPES, Fernanda. COLEÇÃO NEGRA E NEGROS – PESQUISAS E DEBATES. Saúde da População Negra. ABPN, 2012. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016.

<sup>5</sup> MARCUSE, Peter. Enclaves, sim, Guetos, não: a segregação e o estado. Revista Espaço e Debates – Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, 2004.

PRÉTECEILLE, Edmond. A construção social da segregação urbana: convergências e divergências. Revista Espaço e Debates – Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, 2004.

referências não são naturais, a manifestação ocorre por intermédio do poder, dos diferentes poderes que são produtores e reprodutores dos espaços e das relações sociais.

A segregação brasileira, tem como cenário a separação das pessoas e grupos sociais, em geral, a separação socioeconômica<sup>6</sup>.

Na realidade brasileira, a segregação assume as formas socioeconômica e étnico racial. Em solo brasileiro, a população negra está distribuída e localizada no corpo das cidades conforme o tripé trabalho/renda, habitação e escolaridade<sup>7</sup>.

A literatura contemporânea sobre segregação racial reforça que a separação ocorre em razão das diferenças socioeconômicas e étnico racial, as consequências da segregação refletem em vantagens socioeconômicas e políticas para todos os segmentos brancos e afeta a saúde mental da população, especialmente da população negra. A falta de observação, estudos e pesquisas sobre a segregação da população negra, deve-se ao mito da democracia racial que persiste em generalizar que o país é uma sociedade miscigenada, que as desigualdades não são do âmbito étnico racial, que tudo que se passa está conectado às desigualdades socioeconômicas<sup>8</sup>. Para a literatura que observa a distribuição, ocupação e exclusão da população negra nos espaços das cidades, as faces estão relacionadas com as seguintes questões: a) a forma e as condições que a sociedade escravocrata tratou da condição dos escravizados durante o caminhar em direção à sociedade do trabalho livre, ou seja, homens e mulheres negras iniciaram os primeiros anos da sociedade do trabalho livre na condição de primeiros desempregados e de subproletários; b) da pós-abolição à sociedade urbana industrial, as políticas públicas não atenderam a população que fundou as bases do capitalismo nacional e latino americano; c) nos primeiros anos da sociedade urbana industrial, a pobreza e as expressões de vulnerabilidade e marginalidade se ampliaram para a população negra; d) gradativamente, com as transformações do século XX, principalmente a sociedade

<sup>6</sup> VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra Urbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

TORRES, Haroldo da Gama e MARQUES, Eduardo. São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais. São Paulo, Editora Senac, 2005.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Trocando Olhares – Uma Introdução à Construção Sociológica da Cidade. São Paulo, EDUC, Studio Nobel, 2000.

<sup>7</sup> BRANDÃO, André Augusto. Miséria da Periferia: Desigualdades Raciais e Pobreza na Metrópole do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2004.

CARRIL, Lourdes. Quilombo, Favela e Periferia – A longa busca da cidadania. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2006.

GARCIA, Antonia dos Santos. Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador, Cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum, Rio de Janeiro, FAPERJ, 2010

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX. São Paulo, Alameda Editorial, 2016,

SILVA, Maria Nilza da. Nem para todos é a Cidade: Segregação Urbana e Racial em São Paulo. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006.

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Belo Horizonte, EDUFMG, 2005.

urbana industrial e o auge da imigração estrangeira que teve como reflexo, a substituição do trabalhador nacional pelo imigrantes, nas cidades e regiões em que a imigração não foi intensa, a população negra também não assumiu as funções e lugares de destaque socioeconômico; d) a herança da escravidão e o processo cumulativo das desigualdades não cessaram no decorrer do século passado, estes fenômenos se tornam dinâmicos nas cidades de pequeno porte, médio e grande e nas metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador; e) o racismo institucional, formalmente instituído pelo Estado e as instituições sociais, oferecem e coordenam serviços, relações e necessidades inferiores aos valores e tratamentos direcionados a população branca; f) a invisibilidade da população negra, em razão da pobreza e do quadro racial, sobretudo racial, não é central em nossa sociedade; g) as cidades, os espaços e territórios, frente ao quadro da segregação da população negra, não ficaram isentas deste processo de divisão e separação, o destaque e reflexo são os valores do mito da democracia racial que interferem na localização espacial dos indivíduos e grupos sociais; h) por último, a ideia de território, diz respeito ao processo de apoio, resistência e enfrentamento da massa negra em bairros da pobreza, principalmente quando eles resolvem morar e dividir as amarguras do racismo e da segregação como forma de organização social, cultural e política<sup>9</sup>.

A segregação racial do espaço urbano na cidade é negada pelos estudos clássicos em sociologia urbana. Porém, as informações socioeconômicas de recorte étnico racial revela o engodo que a sociedade brasileira sustenta para manter o mito da democracia racial no que tange as formas de distribuição das riquezas e das oportunidades. O território é a marca das políticas do SUS e do SUAS. Estes equipamentos recebem inúmeros casos de adoecimentos e sofrimentos de crianças, jovens, mulheres, adultos e idosos, pautados em questões étnico raciais decorrentes da segregação e da violência urbana nos espaços de apartheid social. Estas inscrições de sofrimento precisam ser consideradas no âmbito das políticas de saúde da população negra, pois são fatores desencadeantes de adoecimento físico e psíquico. Na perspectiva emocional, a segregação revela a naturalização da discriminação, do preconceito e do racismo, que inegavelmente abala as condições de formação da identidade das pessoas que habitam estes espaços. Os profissionais de saúde, assistência social, educação e operadores de direitos atuantes nestes equipamentos de políticas territoriais do SUS e SUAS devem ser capazes de realizar a interpretação sociológica do esvaziamento do território. A fim de compreender e evitar a fragmentação dos corpos psíquicos, emocionais das pessoas que estão presentes e vivem nestes lugares de exclusão e

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX. São Paulo, Alameda Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território. São Paulo, Alameda Editorial, 2013.

vulnerabilidade. A saúde mental passa necessariamente pelas condições de fortalecimento da identidade dos sujeitos sociais que interagem psiquicamente e socialmente nos espaços da cidade como um todo. A desqualificação dos sujeitos e corpos negros, a partir da segregação presente nas cidades e metrópoles reproduz no sofrimento e nas condições identitárias dos sujeitos.

Eu moro aqui, na Tiradentes. Tudo bem, eu fiz faculdade, tive boas notas, bons estágios, estudei muito. Mas minha vida não mudou expressivamente. Envio o currículo e não me chamam. Colegas da universidade que conheço que moram em locais mais valorizados da cidade e próximas do centro já estão trabalhando e ganhando razoavelmente bem. Elas são brancas. Eu não. Elas são bonitas. Eu não. Elas não são tao inteligentes...Quero dizer, ao menos na universidade as notas delas eram sempre inferiores as minhas...Eu entrei em depressão...sera que estou ficando burra? Sera que não sei mais nada...Sera que é porque eu moro na Tiradentes que ninguém me dá uma chance...Tentei um currículo para ser atendente no Mac Donalds. Aí me chamaram....É isso então? Eu não posso ser jornalista? Comecei a pirar...hoje estou um pouco melhor com mais esperança. Meus pais me ajudam e eu encontrei um apoio com a psicóloga da Unifesp onde a minha mãe trabalha. Mas realmente ainda me sinto muito mal...(Jovem negra, 26 anos, formada em comunicação social, 06/07/2006)<sup>10</sup>.

A interseccionalidade entre saúde mental, território e segregação estão imbricadas, como o relato da moradora de cidade Tiradentes revela.

Informações demográficas e socioeconômicas do Censo Demográfico do IBGE 2010, indicam que o Brasil alcançou a soma de mais 190 milhões de habitantes. Deste universo, 50,75% é negra (pretos e pardos) e 48%,00 é branca, que se autodeclaram conforme a classificação de cor/raça.

Hoje, após sete anos, segundo indicadores da PNAD 2014, a população nacional ultrapassou 200 milhões de habitantes. O quadro populacional entre negros e brancos também seguiu o mesmo movimento, os negros participam com 54% e a população branca 45,2%. Persiste, nos meios de comunicação, no universo acadêmico e na vida social, que o Brasil é diverso e de completa mestiçagem, no entanto, é inegável considerar as assertivas da população negra na história e em

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José. Territorialidade negra e segregação racial na cidade de São Paulo. A luta por cidadania no século XX. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2017.

nossa contemporaneidade, como protagonista que marcou, desenvolveu e enriqueceu a identidade e a cultura nacional e o capitalismo local e latino americano. O Brasil é uma sociedade singularizada e inscrita com as heranças africana e afro-brasileira. Esta singularidade tem cor, etnia, pertence a um seguimento e grupo social discriminado e injustiçado no acesso ao desenvolvimento do território das cidades brasileiras e mundiais.

A persistência do mito da democracia racial se observa no cotidiano dos sujeitos a medida em que a interpretação do acesso à cidade não considera o apartheid racial. A singularidade e identidade dos sujeitos vem marcada pelo silêncio, pela omissão da verdade. E sob tal circunstancia é impossível não adoecer mentalmente, é impossível não fraquejar a identidade do sujeito. É quase impossível ser capaz de afirmar-se como sujeito digno de valor e identidade preservada.

Por isso observa-se, além do genocídio que a ausência de políticas para o território das cidades e populações habitantes nos espaços periféricos das metrópoles, a presença da morte emocional, psicológica, das pessoas nesses espaços. O crime, a violência doméstica contra as crianças e as mulheres, o tráfico e uso de drogas, o alcoolismo, os conflitos e desagregação familiar, o abandono de crianças, a sexualidade promiscua, são fatores e elementos de saúde relacionados a presença de indicadores epidemiológicos em saúde mental.

A saúde mental, a emocionalidade do sujeito e o fortalecimento de sua condição de bem estar são fatores dependentes de políticas territoriais e urbanas, além das socioeconômicas e de saúde em sua especificidade.

Por conta disto considero que a relação saúde e adoecimento mental é fator multifacetado, polimorfo e sujeito a dimensão da segregação urbana e étnico racial nas cidades da contemporaneidade. Portanto, políticas de saúde mental para a população negra devem inscrever-se a partir da observação quali-quantitativa do território. O reconhecimento da segregação do espaço urbano e a sujeição dos corpos negros (físicos e psíquicos) e o sofrimento mental decorrente destas condições de exposição a vulnerabilidade da diferença, do desprezo, da desigualdade no acesso ao desenvolvimento humano.

O mapa da população negra no Brasil, conforme dados do IBGE (2010), revela, além da composição de 50,75% da população nacional, a sua concentração nas grandes metrópoles e principalmente nas regiões norte e nordeste, no sudeste, principalmente na urbe paulistana, concentra-se a maior população negra dentre as cidades brasileiras. Na capital paulistana,

conforme estudos de Oliveira<sup>11</sup>, no decorrer do século passado até o presente momento, homens e mulheres negras estão sobrerrepresentados nas periferias, em bairros e distritos de menor urbanização e desenvolvimento socioeconômico e político.

O mapa das cartografias negras no país, dos estados e municípios, revelam, além da segregação e das territorialidades, cartografias da saúde mental. Isildinha Batista Nogueira<sup>12</sup>, em recente artigo sobre a saúde psíquica da população negra, afirma que a nossa sociedade vive o apartheid psíquico: neste quadro, de um lado, a população branca, de todos os segmentos sociais, principalmente as classes média e alta, nascem e se desenvolvem frente às vantagens materiais e não materiais, especialmente as de cunho mental e subjetivo; de outro lado, as populações negra e indígena, sobretudo negra, seu percurso de produção subjetiva, identitária e mental, constantemente, vive e sobrevive com a violência do racismo e das desigualdades. Como enfrentar a segregação e o racismo pensando no desenvolvimento mental e subjetivo das populações que são historicamente violentadas?

A segregação racial tem longo alcance, brancos e negros, especialmente a população negra que se vê obrigada a viver, trabalhar e sobreviver nos últimos lugares e posições da sociedade brasileira. As faces e tramas da segregação, aqui, são diferentes das experiências norte americana e sul africana. Lá fora, os quadros socioeconômicos, étnico racial e os sentidos da saúde mental eram bem definidos oficialmente pelo Estado, por intermédio das leis, regras e comportamentos, ou seja, negros e brancos ocupavam lugares distintos bem delimitados. Aqui, nossa realidade não impõe leis, regras e comportamentos de separação étnico racial, no entanto, a realidade não condiz com a lei, brancos e negros não ocupam, vivem e se relacionam nos mesmos lugares e funções, com exceção dos lugares da pobreza e da vulnerabilidade.

Como pensar estas condições psicológicas de exposição da população negra a diferença social e individual que não se expressa explicitamente como racialidade, mas que se operacionaliza como forma de preconceito e discriminação étnica?

Nos últimos 128 anos, a segregação e o racismo, de um lado, proporcionam bairros, posições e lugares exclusivos dos negros e, de outro lado, a população branca de todos os segmentos socioeconômicos, gradativamente, vai acumulando vantagens materiais e não materiais em seu

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX. São Paulo, Alameda Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território. São Paulo, Alameda Editorial, 2013.

<sup>12</sup> NOGUEIRA, Isildinha Batista. A Saúde Psíquica da População Negra. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Trato e EDUFRB, 2016.

universo. As vantagens do racismo e da segregação, garantiram para a população branca valores materiais e capitais simbólicos que a mantem na estrutura do poder.

Diante do quadro exposto acima, é importante observar a saúde da população brasileira, sobretudo da saúde mental diante de todas as formas de violência do racismo e da segregação. No parágrafo abaixo, apresento um relato da caracterização da segregação racial e do racismo na sociedade brasileira.

"Fui surpreendido por uma segurança mulher que me perguntou se a criança, à minha frente, estava me incomodando. Surpreso, inquiri-a sobre razão de seu questionamento. Ela explicitou: tinha ordens de não deixar 'pedintes crianças' molestar a quem quer que fosse no shopping. Não precisou explicar mais nada. Apontei para meu filho e lhe perguntei se ela o considerava um pedinte por ser negro. Meu filho é negro; e estava com um uniforme do colégio Sion. Como eu lhe questionasse para o fato de ela ver pele e não o uniforme, quem se chocou, então, assustada, foi a moça travestida de segurança. Eu que a desculpasse, ela não tinha tido a intenção de me ofender. Para corroborar a extensão de seu pedido de perdão, afirmou-me que ela também era negra -,e sua pele não a desmentia; mas que recebia ordens", postou Squeeff, na ocasião<sup>13</sup>." (Folha de São Paulo, 14/06/2017)

O relato acima se passa no bairro de Higienópolis da capital paulistana, tido como um dos bairros nobres, local de moradia e trabalho dos segmentos socioeconômicos médio e alto, em sua maioria, brancos. Nesse lugar reside o professor e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Ali, os negros são apenas seguranças, porteiros, cozinheiras, motoristas, babás, são a maioria da população que presta e vende a sua mão de obra. Temos como exceção, a criança negra, filho de uma família branca e de poder socioeconômico. A criança, vítima e alvo da segregação e do racismo, sua representação social, seu corpo e seus sentidos não existem, o significado do corpo negro é excluído e violentado<sup>14</sup>. A segurança, mulher e negra, segue as orientações do racismo institucional; o tratamento diferenciado aos grupos que não se assemelham ao contexto social do lugar. Neste contexto, existem consequências psicológicas do racismo na criança negra; o adoecimento afetivo, os sentimentos desagradáveis de tratamento,

<sup>13</sup> GARCIA, Janaina. Inquérito vai apurar Racismo no Shopping Higienópolis, em São Paulo. Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 14/06/2014.

<sup>14</sup> NOGUEIRA, Isildinha Batista. A Saúde Psíquica da População Negra. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Trato e EDUFRB, 2016. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016.

não ser reconhecida como alguém do lugar em que vive, mora e estuda no local. Quanto ao pai, branco e morador da região de Higienópolis, que presenciou o filho sendo violentado porque é negro e com as crianças de rua que são todas negras, para ele, fica a difícil tarefa de lidar com esta experiência que não termina aqui. A experiência do racismo e da segregação está apenas começando, o pai e seus familiares, terão que aprender a enfrentar o racismo para estruturar espaços, lugares e apoios sociais e psíquicos para a criança não adoecer, não perder os aspectos íntimos, de cuidado e desenvolvimento em razão das práticas do racismo.

Este é um dos cenários que a população negra convive cotidianamente diante da segregação e do racismo. Historicamente, a população negra, especialmente as crianças, são as principais vítimas com as consequências do racismo que refletem no desenvolvimento de suas identidades, da formação e do desenvolvimento do aparelho psíquico. O aparelho psíquico reúne aspectos biopsicossocioculturais que precisam de apoio, carinho e cuidado, principalmente a condição de estar bem. Segundo Souza (2003)<sup>15</sup> e Oliveira (2016), a criança negra depende de um colo que lhe dê conforto, que lhe transmita não apenas o alimento, a proteção e os saberes, mas o colo que lhe oportunize estabilidade socioeconômica, cultural, política, que cresça e se desenvolva com a dimensão psicossocial de seus famílias, de sua história, das políticas e necessidades essenciais para a vida na cidade e estruturação de sua saúde mental<sup>16</sup>.

A saúde da população negra, principalmente a saúde mental e psíquica, não é uma prioridade apenas da população negra, é de todos, negros, brancos e indígenas. A ausência de serviços, profissionais, saberes e práticas no campo da saúde da população negra tem provocado o crescimento das desigualdades raciais no processo de nascimento, desenvolvimento, adoecimento e morte de homens, mulheres, idosos e crianças (LOPES, 2002).

Até o momento, as reflexões em questão demonstraram como é difícil o desenvolvimento da saúde mental diante da segregação e do racismo. Conforme o relato acima, os resultados do racismo e da segregação alcançam todas as classes sociais, negros e brancos, mas são os negros que mais sofrem com a violência e o esgarçamento da saúde psíquica. O que precisamos fazer para a produção da saúde mental de todos que vivem nas cidades do país? Como a população negra pode enfrentar esse quadro da violência do racismo e da segregação em seu quadro psíquico? O que todos nós, negros, indígenas e brancos, diante deste universo de violência que

---

<sup>15</sup> SOUZA, Regina Marques de . Sobre crianças no espaço híbrido da esperança. Reflexões da psicanálise e da psicologia social. Dissertação de mestrado em psicologia social. PUC/SP, 2003.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância- saúde mental da população negra e indígena. In: Cenários da Saúde da População negra no Brasil. Diálogos e pesquisas, Fino Traço e EDUFRB, 2016.

nos acomete, como produzir espaços, lugares, territórios e cidades suficientemente agradáveis para o desenvolvimento do quadro mental ?

Esta reflexão está em construção, dependerá da participação de todos, principalmente dos profissionais que lidam com a produção das cidades brasileiras e dos profissionais que atuam no âmbito da saúde, principalmente àqueles que trabalham com o desenvolvimento da educação e da saúde mental.

Para que isso aconteça, gradativamente, será preciso conhecer melhor a realidade das cidades brasileiras.

Conforme as informações da Tabela 1 e 2, temos a composição dos dez municípios do país com maior participação negra (em dados relativos), todos estão localizados no nordeste do país, sete estão no estado da Bahia, considerado a unidade da federação com a maior população negra em seu território (em dados relativos). Uma breve observação nas informações abaixo, constata-se que a população negra dos dez municípios com maior representatividade negra tem os seguintes aspectos: a) na história e nos dias de hoje, ela foi segregada nos espaços menos desenvolvidos (nas zonas urbana e rural), b) alcança relativamente de 91% a 94,76% da população; c) em três municípios prevalece a participação na área rural e em sete, a população vive na área urbana; d) em nove cidades, a minoria branca recebe rendimentos acima dos rendimentos da população negra; d) a população branca é minoria no universo da população, no entanto, é expressivo o seu poder socioeconômico em nove cidades observadas.

No Brasil, a renda média do brasileiro alcançou R\$ 1.201,47, que representa a somatória dos rendimentos entre os indivíduos em idade ativa. A renda média da população branca alcançou R\$ 1.535,47, superior a renda média nacional. Entre os negros, os ganhos socioeconômicos representam R\$ 837,50, significa 59,40% da renda média nacional e 54,55% do rendimento médio da população branca. Em solo brasileiro, a segregação e o racismo expressam que a população negra auferem entre 69% e 50% dos ganhos da população branca. Isto é agravante, porque o valor deste capital é o que a população gasta com suas despesas sociais, como a alimentação, transporte, habitação, serviços de saúde, são as questões básicas, não existem valores reservados para a reposição da força de trabalho, por exemplo, viagens, passeios e compras regulares.

Conforme os indicadores dos dez municípios com maior população negra (dados relativos), sete estão situados no estado da Bahia. A segregação da população negra está localizada nas grandes, médias e pequenas cidades do país, nos espaços urbano e rural.

**Tabela 1. Os Dez Municípios brasileiros com maior participação negra (em dados relativos), 2010.**

<b>Cidade</b>	<b>Pop.Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Branca</b>	<b>Negra</b>	<b>% Branca</b>	<b>% Negra</b>
Serrano do Maranhão	10.490	4.227	6.713	470	10.367	1,94	<b>94,76</b>
Terra Nova	12.803	11.488	1.315	616	11.932	4,81	<b>93,20</b>
Teodoro Sampaio	7.895	6.341	1.554	437	7.311	5,54	<b>93,60</b>
Pedrao	6.876	1.716	5.160	99	6.363	5,82	<b>92,54</b>
Salinas da Margarida	13.456	5.960	7.496	760	12.399	5,65	<b>92,14</b>
S.Gonçalo dos Campos	33.283	16.505	16.778	2.475	30.597	7,44	<b>91,93</b>
Presidente Juscelino	11.541	4.120	7.421	876	10.598	7,59	<b>91,83</b>
Ant.Cardoso	11.554	3.225	8.329	859	10.591	7,43	<b>91,67</b>
Aramari	10.036	5.125	4.911	750	9.189	7,47	<b>91,56</b>
S.João da Ponta	5.265	1.031	4.234	452	4808	8,58	<b>91,32</b>

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010,

Elaboração: Reinaldo José de Oliveira

**Tabela 2. Rendimento nominal médio mensal do Brasil e das dez cidades negras do país, classificado por negros e brancos, 2010.**

<b>Cidade</b>	<b>Renda Média</b>	<b>Renda Branca</b>	<b>Renda Negra</b>
Brasil	1.201,47	1.535,47	837,50
Serrano do Maranhão	361,76	415,23	357,24
Terra Nova	560,13	763,62	551,00
Teodoro Sampaio	494,38	687,12	480,47
Pedrao	463,92	562,30	445,60
Salinas da Margarida	506,20	837,77	486,98
S.Gonçalo dos Campos	628,30	1.054,36	589,45
Presidente Juscelino	406,41	530,41	370,00
Antonio Cardoso	460,41	592,41	452,00
Aramari	582,84	641,10	563,50
São João da Ponta	450,24	454,38	459,31

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010.

Elaboração: Reinaldo José de Oliveira

A leitura e observação das tabelas 3 e 4, difere das anteriores no que toca ao quadro socioeconômico e populacional. Nas principais urbes do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a população negra (em dados absolutos) participa com 4.169.301 habitantes, 3.331.301 e 2.126.261 habitantes. Conforme as informações das duas últimas tabelas, brancos e negros estão da seguinte forma representados: a) apenas nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro a população negra não ultrapassa a população branca; b) em oito cidades, negros e negras são maioria em dados relativos e absolutos; c) Em dados absolutos, a capital paulista reúne a maior população negra no território nacional, em razão de seu desenvolvimento histórico, tendo como base o capitalismo urbano industrial e, nos dias de hoje, a globalização neoliberal; d) a capital da Bahia, Salvador, em dados relativo e absoluto, é a que mais expressa em seu território a massa negra; e) brancos e negros, nos grandes centros do país, vivem em áreas urbanas, em geral, com grandes carências de serviços públicos e de ambiente construído de consumo coletivo; f) nos grandes centros, temos a localização dos maiores rendimentos médio entre brancos e negros; g) nas três maiores urbes do país, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a população negra recebe 50,37%, 44,78% e 40% dos rendimentos médios da população branca.

**Tabela 3. Os Dez Municípios brasileiros com maior participação negra (em dados absolutos), 2010.**

<b>Cidade</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>Rural</b>	<b>Negra</b>	<b>% Branca</b>	<b>% Negra</b>
São Paulo	11.253.656	99,10	0,90	4.169.301	60,64	<b>37,05</b>
Rio de Janeiro	6.320.446	100	0	3.331.301	51,18	<b>47,96</b>
Salvador	2.675.656	99,97	0,03	2.126.261	18,90	<b>79,47</b>
Fortaleza	2.452.185	100	0	1.514.103	36,78	<b>61,75</b>
Brasília	2.570.160	96,58	3,42	1.437.954	42,19	<b>55,95</b>
Manaus	1.802.014	99,49	0,51	1.298.099	26,59	<b>72,04</b>
Belo Horizonte	2.375.151	100	0	1.236.322	41,90	<b>52,05</b>
Belém	1.393.399	99,14	0,86	999.829	27,27	<b>71,75</b>
Recife	1.537.704	100	0	882.463	41,42	<b>57,39</b>
São Luiz	1.014.837	94,45	5,55	706.591	29,10	<b>69,63</b>

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010.

Elaboração dos Dados: Reinaldo José de Oliveira

**Tabela 4. Rendimento nominal médio mensal das dez cidades negras do país (dados absolutos), classificado por negros e brancos, 2010.**

<b>Cidade</b>	<b>Renda Média</b>	<b>Renda Branca</b>	<b>Renda Negra</b>
São Paulo	2.005,58	2.472,80	1.245,30
Rio de Janeiro	1.997,55	2.663,91	1.193,92
Salvador	1.370,50	2.537,47	1.015,40
Fortaleza	1.266,15	1.746,00	989,23
Brasília	2.465,01	3.373,76	1.697,00
Manaus	1.317,51	1.867,53	1.093,00
Belo Horizonte	1.940,78	2.706,89	1.151,00
Belém	1.338,10	1.892,37	1.064,00
Recife	1.591,50	2.298,41	970,61
São Luis	1.253,50	1.831,59	968,00

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010.

Elaboração dos Dados: do autor.

Com base nas informações das principais cidades brasileiras (em dados relativo e absoluto), classificado por rendimento de negros e brancos, foi possível identificar que a segregação e o racismo têm reflexos diretos para a população branca, especialmente no que diz respeito aos rendimentos, que proporcionam o acesso a bens materiais e não materiais, a localização nos espaços urbanos e rurais, o mercado de trabalho, o acesso aos melhores lugares de educação, saúde e cultura, enfim, este quadro acima delineado também repercute na saúde mental da população negra, como os elementos materiais e subjetivos.

Nas cidades de pequeno porte, médio, grande e nas principais metrópoles do país, configura-se o cenário da segregação racial, as vantagens que a população branca obtém com o racismo e os reflexos nos corpos negros, especialmente os corpos que precisam de cuidados, de saúde e bem estar psíquico.

Em uma sociedade que não valoriza a diversidade, principalmente as categorias sociais dos grupos indígenas e negros, o trabalho em educação e saúde para melhor prover o quadros mental, identitário e psíquico vai se tornando mais crítico, conforme o avanço da violência e das desigualdades raciais em saúde. Uma das alternativas, pensando a transformação da realidade social e racial, é pensar as possibilidades dos territórios de culturas, identidades, histórias e lutas, assumir a condição de protagonismo frente às forças da segregação e do racismo.

As territorialidades negras, na história do século passado, em diferentes tempos e espaços fizeram e fazem o enfrentamento e parte das conquistas, estão fincadas nas histórias das cidades, da cultura e da identidade brasileira.

Os territórios negros inscreveram na história das cidades, no coração e no interior da vida mental, identidades, relacionamentos, histórias e sentimentos agradáveis que ligam o indivíduo ao grupo social, por exemplo: as revoltas e revoluções para por fim à violência da sociedade escravocrata; o apoio e a ajuda mútua com a herança do racismo e o acúmulo das desigualdades; a organização de associações sociais e recreativas que possibilitam viver o espaço do não racismo; as expressões da cultura, dança, percussão e canto enquanto expressões de alegria e força, que desenvolvem a saúde mental e psíquica; as escolas e agremiações do universo do samba, são elas que edificaram nos morros, favelas e periferias, parte das referências identitárias e culturais; a religião de matriz africana e afro-brasileira de culto aos orixás está em nosso cotidiano social, cultural e político; o corpo humano, o corpo negro é um espaço de territorialidades que se realiza no cotidiano; reiteramos, os territórios de cidadania que tanto buscamos, negros e brancos, é o espaço suficientemente agradável, de lutas, enfrentamentos, mas de vitórias no que diz respeito ao bem estar psíquico e mental.

Território negro e territorialidades estão propensos para o desenvolvimento da saúde e do bem estar interior da população que vive e sofre o racismo.

### **Saúde Mental e Relações Étnicas e Raciais**

O desenvolvimento do capitalismo urbano industrial no Brasil e no mundo, principalmente nas metrópoles globais, trouxe consigo, além das desigualdades de classe social, gênero, etnia raça, territorial, cultural e política, a questão da saúde mental dos povos e culturas que perfazem os diferentes cenários de uma sociedade. É no espaço das cidades, especialmente às que são centrais diante da economia local e global, que a saúde mental, a subjetividade e o desenvolvimento psíquico, percebem os reflexos dos inúmeros sentidos da vida contemporânea, ou seja, um leque de violências de diferentes origens, em particular, o racismo e a segregação racial

Segundo Isildinha Batista Nogueira e Regina Marques de Souza Oliveira<sup>17</sup> a saúde mental da população brasileira, dos brancos, índios e negros, sobretudo da população negra, não se desenvolve de forma satisfatória e saudável.

Na história e na etapa atual, a segregação da população negra nos espaços e territórios, nas hierarquias social e profissional ocasionam fortes impactos na constituição da saúde mental, parte

---

<sup>17</sup> NOGUEIRA, Isildinha Batista. A Saúde Psíquica da População Negra. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Trato e EDUFRB, 2016. OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016.

dos reflexos são diretamente proporcionados pelo mito da democracia racial que oprime, nega e desvaloriza a história, a cultura e as identidades negras em nosso país. A violência do racismo, conforme as autoras acima, principalmente o racismo no contexto do psiquismo, das identidades e subjetividades, traz consequências psicológicas agravantes para os corpos negros; desde os primeiros anos do período gestacional, perpassando a infância, a juventude e a vida adulta. Em nossa sociedade, o acúmulo do racismo e suas consequências no desenvolvimento da saúde mental totaliza 128 anos, portanto, o apartheid psíquico, a violência e a negação das identidades, representam um massacre, um genocídio que sistematicamente vem acontecendo em nossa sociedade.

Segundo as recentes referências em saúde mental da população negra<sup>18</sup>, interpreto que o quadro psíquico é o bem estar biopsicossociocultural, ou seja, prover o quadro mental depende de inúmeros fatores, por exemplo: do reconhecimento e valorização da história e cultura africana e afro-brasileiro em solo brasileiro; das territorialidades e territórios negros, produtoras e protagonistas de culturas, identidades e histórias; a organização social e política dos movimentos sociais negros; de políticas, práticas e saberes que melhor desenvolvam o enfrentamento do racismo nos campos da saúde, educação e da vida social como um todo; das experiências sociais de homens e mulheres, especialmente, dos corpos e das mentes das mulheres negras, porque são elas que carregam e conduzem a criança diante das violências sofridas.

Conforme as referências acima, o território e as territorialidades negras são forças sociais, culturais e psíquicas importantes para o enfrentamento da segregação e do racismo. A territorialidade negra, diante da ausência de políticas em saúde e educação, protagonizou e tem estado à frente da produção de políticas, saberes e práticas, em geral, favoráveis para o desenvolvimento da saúde mental da população brasileira, sobretudo da população negra.

No século passado, no campo da saúde mental da população negra, alguns trabalhos podem ser considerados precursores para o delineamento de reflexões, ideias, práticas e saberes, dentre eles: a) o livro de Neusa Santos Souza, “Tornar-se Negro”, publicado em 1983, a obra da autora tece importantes considerações a respeito das etapas social, cultural, política e psicológica dos

---

<sup>18</sup> GUIMARÃES, Marco Antonio Chagas e PADKAMENI, Angela Boraf. Racismo: um mal estar psíquico. SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA. Coleção Negros e Negras, Pesquisas e Debates. Luis Eduardo Batista, Jurema Weneck e Fernanda Lopes (organizadores), Brasília, 2012.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. A Saúde Psíquica da População Negra. OLIVEIRA(b), Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Trato e EDUFRB, 2016.

corpos de homens e mulheres negras, como, por exemplo, a difícil tarefa de tornar-se negro em uma sociedade racista e segregada; b) O texto de Jurandir Freire Costa<sup>19</sup> (1986), intitulado “Dar cor ao corpo: a violência do racismo”, é uma reflexão sobre a obra de Neusa Santos Souza e; a tese de doutorado de Isildinha Batista Nogueira, em 1998, intitulada “Significações do Corpo Negro”, que trata das diferentes interpretações que os corpos de homens e mulheres negras recebem, são vistos e percebidos, corpos esses que são produtores de identidades, de histórias e realizações nos ambientes objetivo e subjetivo.

Tornar-se negro nos territórios e territorialidades é viver, sentir e se perceber em contato com aspectos socioculturais que fortalecem as identidades, histórias e representações individuais e coletivas, portanto, nos espaços do não-racismo, o desenvolvimento psíquico está em constante movimento fortalecendo as bases do chão do território. O território e as territorialidades são importantes para a promoção das identidades e as identidades são importantes para o desenvolvimento dos territórios e territorialidades. Logo, as expressões subjetivas e emocionais e todas as manifestações que formam o quadro da saúde mental, são em si, a base e o chão dos territórios e territorialidades<sup>20</sup>.

Tornar-se Negro diante da segregação e do racismo é diferente do quadro dos territórios e territorialidades. Aqui, no cenário da segregação, a experiência da violência é mais frequente, desde os espaços da família, ambiente escolar, bairro, local de trabalho, referências de comunicação de massa (tv, rádio, redes sociais, jornais on line e impressos), ou seja, o corpo e o quadro mental da população negra não está organizado na sociedade para receber atenção.

Na história do século XX, as territorialidades negras protagonizaram o desenvolvimento e o bem estar da saúde mental. A persistência é válida em uma sociedade como a nossa, em razão da omissão e da falta de diálogos a respeito do tema. A territorialidade é uma expressão social, política, cultural, econômica e subjetiva importante para combater a segregação racial e o racismo, no entanto, neste século XXI, outras práticas e saberes precisarão ser incorporados para melhor responder a saúde mental de todos, negros, indígenas e brancos.

Em 2002, foi publicada a obra “Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil”, organizado por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento. É nas reflexões sobre branqueamento e branquitude que Bento (2002) chama atenção para questões

---

<sup>19</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1986.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX*. São Paulo, Alameda Editorial, 2016,

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território*. São Paulo, Alameda Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Territorialidade Negra e Segregação Racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC SP, 2008.

não abordadas em nossa sociedade, por exemplo, o racismo no Brasil sempre esteve relacionado com as desigualdades da população negra, quanto ao branco, ele não é observado. O texto de Bento traz importantes contribuições sobre o medo branco diante do desenvolvimento e a ascendência socioeconômica do negro, parcialmente, o medo branco está relacionado com o histórico e atual quadro dos privilégios que detém frente ao racismo. Os privilégios e vantagens, materiais e subjetivas, são abordados para fins de compreender a branquitude, principalmente as questões não percebidas, não ditas e inscritas, mas que se reproduzem em nossa sociedade por causa dos 128 anos do mito da democracia racial que tem forte impacto no quadro da saúde mental de todos nós, indígenas, negros e brancos<sup>21</sup>.

Posteriormente, no ano de 2012, a obra “Saúde da População Negra”, contou com a participação de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento do campo em questão, dentre eles, consta um único texto que analisa a saúde mental, de autoria de Marco Antonio C. Guimarães e Ângela Padkameni, intitulado “Racismo, um mal estar psíquico”.

Após os escritos de Isildinha Nogueira, é somente em 2003 que surge também no cenário paulista o primeiro trabalho acadêmico na psicologia que debruça-se sobre a formação da identidade e do psiquismo – saúde mental – da criança negra a partir da análise da psicanálise e da psicologia social. A dissertação de mestrado intitulada ‘Sobre crianças no espaço híbrido da esperança’, defendida no Programa de Psicologia Social da PUC/SP, é premiada pelo edital Fundação Biblioteca Nacional em 2013, dez anos após seu surgimento, em segundo lugar, como obra importante de autores negros para ser publicada e fazer parte do acervo da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A escassez do interesse da sociedade por questões diretamente implicadas a saúde mental da população negra parece ser permanente ao longo dos anos.

Recentemente, em 2016, o livro “Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas”, coletânea de Regina Marques Oliveira, reúne cinco textos de pesquisadores da psicologia e psicanálise dedicados ao debate sobre saúde mental. O livro é composto por nove textos sobre saúde. Porém sua força e diferencial nos dias de hoje, se inscreve na discussão psicológica sobre saúde mental.

Nesta obra, Nogueira descreve o seguinte cenário a respeito do significado do corpo negro<sup>22</sup>

“O significante cor negra está inserido, evidente, num arranjo semântico, político, econômico e histórico; como em um “apartheid psíquico”, uma forma de racismo

---

<sup>21</sup> BENTO, Maria Aparecida Cida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.

<sup>22</sup> NOGUEIRA, Isildinha Batista. Significações do Corpo Negro. Tese de Doutorado em Psicologia, USP, 1998, p. 22.

parafrazeando o sistema político que se instituiu e funciona de modo eficiente na psique do negro, por separar ou apartar, segundo a cor e a raça. Refiro-me ao “apartheid psíquico” porque, felizmente, nosso sistema político não nos separa socialmente entre brancos e negros. O racismo é crime no Brasil. Nós, os negros, vivemos uma segregação silenciosa, o que os brancos classificavam como sentimento persecutório, uma vez que o preconceito e a discriminação eram negados; (...)”.

É importante lembrar que lá fora, no exterior, o apartheid e a segregação foram formalizados pelo Estado, portanto, significa que no corpo da sociedade, o racismo e a segregação transitam entre os grupos socioeconômicos e as populações, de um lado, os brancos e, de outro lado, os negros. Aqui, em solo brasileiro, a segregação é invisível, silenciosa, mascarada, institucional, o mito da democracia racial generaliza que somos todos iguais e que as desigualdades são de natureza socioeconômica e não étnico racial. Em todos os contextos de análise da segregação, sobretudo em nossa realidade, ela tem a face da separação e divisão, além do quadro socioeconômico e étnico racial, a separação priva e violenta o desenvolvimento do quadro subjetivo e psíquico de todos, negros, indígenas e brancos.

As últimas publicações sobre a saúde da população negra, sobretudo a produção sobre saúde mental deveria receber mais atenção, porque as reflexões inscritas pelos autores merecem, não só o aprofundamento, e sim o desenvolvimento de saberes e práticas em saúde e educação que são importantes para o desenvolvimento subjetivo e psíquico de todos. Nogueira diz que a violência do racismo e do apartheid psíquico reflete em consequências psicológicas, de um lado, os privilégios e as vantagens subjetivas para os brancos e, de outro lado, a violência dos corpos negros, do aparelho subjetivo, mental e das identidades.

Regina Marques de Souza Oliveira (2016) psicóloga social e também psicanalista que estuda o percurso da clínica da saúde mental, desenvolve relevantes considerações para esse campo de estudos e pesquisas pouco observado nos cursos de graduação e pós-graduação brasileira.

“Então, a mãe, embala a criança, mas como já dissemos, ela não o faz sozinha. Ela, a mãe, necessita do posto de saúde; da maternidade, da vacina; da licença maternidade, de no mínimo seis meses de licença maternidade; do leite, da fralda; do arroz; do feijão... do pão nosso de cada dia para dar conta do bebê humano. A tudo isso agrega-se a necessidade de um outro humano presente e disponível para prover e favorecer a mãe: o pai, a mãe d mãe (a avozinha da criança; a sogra; a tia; uma irmã; uma cunhada; uma amiga “nota mil”, uma vizinha fabulosa e tudo o mais que você imaginar que trará para a mãe a capacidade de bem

e tudo o mais que você imaginar que trará para a mãe a capacidade de bem acolher ao colo o seu bebê. Tudo isso para lembrar que o papel exercido pela mãe da mãe pode ser praticado pelo pai da mãe, o avô paterno da criança, um tio, um padrinho, enfim, alguém ou tanto melhor se forem vários “alguéns” que ajudem a mãe a segurar ao colo o bebê, para que ele não caia, para que ele não se torne um cansaço, para que ele não seja um “peso” e sobretudo que ele seja, como sempre deve ser, uma grande alegria para toda Humanidade). Estas são algumas das qualidades do colo – condição materno<sup>23</sup>”.

Para a autora, o diálogo entre psicanálise e cultura, território e identidade são centrais para o melhor delineamento da saúde mental da população brasileira. Conforme a descrição acima, os responsáveis pelo estado do quadro mental são inúmeros atores, dentre eles, a mãe que carrega, embala e alimenta a criança, a família, as referências identitárias, históricas e sociais, a cultura enquanto base e estrutura do chão do território que é o espaço central do desenvolvimento psíquico e mental.

Em Oliveira (2016), o território de culturas é importante para enfrentar a violência psíquica do racismo. Geralmente, em nossa sociedade, a violência psíquica do racismo reflete em consequências psicológicas para a população brasileira, em particular, a população negra que vive o sofrimento, o adoecimento afetivo e mental, o preconceito e o racismo. Reitero, o território e as territorialidades reservam em seu interior, a produção subjetiva da saúde mental, ou seja, do bem estar para fins da construção dos ideais de democracia e cidadania para todos.

Os últimos indicadores do Mapa da Violência no Brasil (2017), no que toca a questão dos homicídios, reitera as edições anteriores, o perfil dos sujeitos e vítimas são todos pobres, do sexo masculino, negros, jovens e moradores das periferias. Além do mapa dos homicídios que reforça o genocídio dos corpos e do psiquismo negro, temos, segundo Oliveira (2008; 2013; 2016), a segregação racial nas cidades brasileiras. A segregação da população negra denota a subrepresentação nos últimos lugares e posições da hierarquia socioeconômica, por exemplo, o tripé da educação/escolaridade, habitação e rendimento/renda.

Conforme as indicações anteriores, as cidades brasileiras foram organizadas e planejadas para um segmento da sociedade e não para todos. O plano das cidades brasileiras, de um lado, compreende a população negra e pobre nas periferias, favelas, ocupações irregulares, morros,

---

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância; saúde mental da população negra e indígena*. In: Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas Oliveira, Regina, (Org.), Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016, p. 29.

alagados e palafitas, aqui, o quadro subjetivo e mental é abastecido pelas expressões culturais e políticas dos atores que fazem o território e as territorialidades. De outro lado, por exemplo, em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, o plano de zoneamento tratou de separar as cidades por zonas, bairros e pedaços, conforme a origem social e étnico racial e o lugar que o indivíduo ocupa na sociedade<sup>24</sup>. Nas cidades do país, em geral, a segregação separa brancos e negros em diferentes formas de ocupação do espaço, em todas elas, principalmente nas metrópoles, as dessemelhanças estão inscritas no chão dos territórios: na capital paulistana, a maioria negra está nas periferias e seus extremos, ali se configuram territorialidades negras que apoiam e auxiliam no desenvolvimento do quadro emocional e psíquico, mas é no quadrante sudoeste que se concentra a riqueza branca nos bairros e distritos de maior desenvolvimento; na capital do Rio de Janeiro, existe a proximidade territorial e a longa distância socioeconômica que separa brancos e negros. Aqui, na cidade “partida” a violência na vida mental atinge a todos, mas é a população negra os sujeitos e vítimas da violência, do racismo e da segregação; em Salvador, capital da Bahia, a ocupação dos territórios não segue o plano de cidade para todos, portanto, nos lugares e territórios mais urbanizados e desenvolvidos, de um lado, é o lugar particular da população branca de todos os segmentos sociais e, nos lugares de menor desenvolvimento e organização vive a população negra sobrerrepresentada (OLIVEIRA, 2013; 2016).

Nas cidades brasileiras, o quadro emocional e psíquico da saúde mental de negros, indígenas e brancos, não é de pleno desenvolvimento pensando um psiquismo saudável. As consequências do racismo e da segregação tem como reflexo, de um lado, o quadro emocional e psíquico que caracteriza a saúde mental da população negra. De outro lado, o racismo reflete em vantagens socioeconômicas e emocionais da população branca.

“A onda negra e o medo branco” estão inscritos nas cidades brasileiras e em nossa sociedade. A onda negra está inscrita nos territórios negros e sua principal base é a saúde mental. O medo branco está nas cidades, principalmente nos lugares e territórios de poder socioeconômico, de prestígio e status. A onda negra também se constitui nos espaços e territórios do medo branco, portanto, é na intermediação do intenso processo de territórios de cidadania que a saúde mental de negros, indígenas e brancos poderá ser melhor produzida e transmitida.

---

<sup>24</sup> SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo, Editora Hucitec, 1993.

## Considerações Finais

No decorrer do texto, através de interpretações e reflexões sobre a segregação e os territórios negros com ênfase no quadro da saúde da população negra, especialmente a saúde mental, ressalto que o território teve e se mantém à frente quanto ao enfrentamento da racismo e da segregação, no entanto, as forças da violência não são específicas a um grupo ou segmento socioeconômico, está relacionado a todos, negros, indígenas e brancos. Portanto, ao adentrarmos a segunda década do século XXI, precisamos, todos nós, buscarmos respostas, práticas e saberes a respeito dos danos psíquicos na vida mental das pessoas de ascendência negra.

Para o momento, todas as formas de fortalecimento dos territórios e das territorialidades negras são válidas, mas ainda insuficientes frente ao cenário da segregação e do racismo que resultam em aspectos negativos e desfavoráveis para o desenvolvimento emocional e psíquico de todos.

Além dos territórios negros, nosso presente e futuro deverá centrar atenção em práticas e saberes para fins de eliminar a segregação e o racismo dando ênfase aos cenários subjetivo, emocional e psíquico. Portanto, a produção em torno de referências do quadro psíquico deve ser pautada em estudos e pesquisas nas áreas de educação, saúde e movimentos sociais, tendo como objetivo a promoção de políticas públicas para o desenvolvimento da saúde mental de todos nós, brasileiros e a civilização humana. Sendo inegável que as políticas de equidade em saúde para populações e grupos específicos devem ser fortalecidas e melhor desenvolvidas em sua operacionalidade prática nos territórios da cidade, principalmente nas políticas do SUS e do SUAS que protagonizam tais assertivas legislativas e sociais da contemporaneidade do estado brasileiro.

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco – O Negro no Imaginário das Elites do século XIX*. São Paulo, Editora Annablume, 2004.

BATISTA, Luis Eduardo, WERNECK, Jurema e LOPES, Fernanda. *COLEÇÃO NEGRA E NEGROS – PESQUISAS E DEBATES*. Saúde da População Negra. ABPN, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Cida e CARONE, Iray. *Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Cida. *Branqueamento e Branquitude no Brasil*. Psicologia Social do

Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2002.

BRANDÃO, André Augusto. Miséria da Periferia: Desigualdades Raciais e Pobreza na Metrópole do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2004.

CARRIL, Lourdes. Quilombo, Favela e Periferia – A longa busca da cidadania. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2006.

CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1983.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1986.

GARCIA, Antonia dos Santos. Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais: Salvador, Cidade D´Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum, Rio de Janeiro, FAPERJ, 2010.

GARCIA, Janaina. Inquérito vai apurar Racismo no Shopping Higienópolis, em São Paulo. Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 14/06/2014.

GUIMARÃES, Marco Antonio Chagas e PADKAMENI, Angela Boraf. Racismo: um mal estar psíquico. SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA. Coleção Negros e Negras, Pesquisas e Debates. Luis Eduardo Batista, Jurema Werneck e Fernanda Lopes (organizadores), Brasília, 2012.

IPEA. Atlas da Violência 2017, Rio de Janeiro, IPEA, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

LOJKINE, Jean. O Estado Capitalista e a Questão Urbana. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

LOPES, Fernanda. Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: tópicos em saúde da população negra no Brasil: BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. Saúde da População Negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade. Brasília, Funasa, 2005.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidades Negras e Segregação Racial em São Paulo: A Luta por Cidadania no Século XX. São Paulo, Alameda Editorial, 2016,

OLIVEIRA, Reinaldo José de. A Cidade e o Negro no Brasil: Cidadania e Território. São Paulo, Alameda Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Territorialidade Negra e Segregação Racial na cidade de São Paulo: as

periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC SP, 2008.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra no Brasil – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, UFRB, Fino Traço, 2016.

\_\_\_\_\_. *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. Saúde mental da população negra e indígena*. In: Oliveira, Regina M.S. (Org.). Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Traço e EDUFRB, 2016.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim, Guetos, não: a segregação e o estado. Revista Espaço e Debates – Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. Significações do Corpo Negro. Tese de Doutorado em Psicologia, USP, 1998.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. *A Saúde Psíquica da População Negra*. OLIVEIRA(b), Regina Marques de Souza. Cenários da Saúde da População Negra – Diálogos e Pesquisas. Rio de Janeiro, Fino Traço e EDUFRB, 2016.

PRÉTECEILLE, Edmond. A construção social da segregação urbana: convergências e divergências. Revista Espaço e Debates – Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, 2004.

SILVA, Maria Nilza da. Nem para todos é a Cidade: Segregação Urbana e Racial em São Paulo. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1983.

SOUZA, Regina Marques de. Sobre crianças no espaço híbrido da esperança. Reflexões da psicologia social e da psicanálise. Dissertação de Mestrado em psicologia (PUC/SP), 2003.

TORRES, Haroldo da Gama e MARQUES, Eduardo. São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais. São Paulo, Editora Senac, 2005.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Trocando Olhares – Uma Introdução à Construção Sociológica da Cidade. São Paulo, EDUC, Studio Nobel, 2000.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra Urbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

**Reinaldo José de Oliveira:** Doutor em Ciências Sociais PUC SP, Professor de Sociologia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, DCHF. Pós-Doutorado PNPd CAPES (2013).

**Artigo recebido para publicação em:** Outubro de 2017.

**Artigo aprovado para publicação em:** Novembro de 2017.